

HIROMI KAWAKAMI

A valise do professor

Tradução do japonês
Jefferson José Teixeira



Estação Liberdade

セシセクの鞆

Sumário

- Lua e pilhas, **11**
- Os pintos, **23**
- Vinte e duas estrelas, **37**
- Colheita de cogumelos – 1, **49**
- Colheita de cogumelos – 2, **61**
- Ano-novo, **75**
- Reencarnações, **87**
- Contemplando cerejeiras em flor – 1, **101**
- Contemplando cerejeiras em flor – 2, **113**
- Lucky chance*, **127**
- Trovoadas na estação das chuvas, **141**
- Em direção à ilha – 1, **153**
- Em direção à ilha – 2, **165**
- Marisma (Um sonho), **179**
- Os grilos, **193**
- No parque, **205**
- A valise do professor, **217**

Lua e pilhas

Formalmente era o professor Harutsuna Matsumoto, porém eu o chamava apenas de professor. Nem mestre, lente ou preceptor, simplesmente professor.

Ele nos ensinou japonês na escola de ensino médio. Por não ser o supervisor de nossa turma, e como eu não prestava muita atenção nas aulas de japonês, nenhuma impressão me restou dele em particular. Depois de me formar, passei um longo tempo sem vê-lo.

Começamos a nos ver com mais assiduidade desde quando, há alguns anos, nos encontramos, por acaso, sentados lado a lado em um barzinho em frente à estação. O professor estava sentado junto ao balcão com as costas levemente arqueadas.

— Feijão-soja com atum, tiras de raiz de lótus cozidas e alho-porro em salmoura — pedi tão logo me sentei ao balcão.

Quase simultaneamente, o senhor de costas curvadas a meu lado pediu:

— Alho-porro em salmoura, tiras de raiz de lótus cozidas e feijão-soja com atum — Eu o observei, imaginando o quão nossos gostos se pareciam, e ele também acabou olhando para mim. Enquanto hesitava conjecturando já ter visto seu rosto em algum lugar, ouço a voz do professor:

— Você não é Tsukiko Omachi?

Meneei a cabeça, assentindo espantada.

— Vez por outra eu a vejo neste bar — prosseguiu ele.

Ah, respondi vagamente e novamente eu o olhei.

Cabelos brancos assentados com esmero, camisa social bem alinhada, um colete cinza. Sobre o balcão via-se um frasco de saquê, um prato com tiras delgadas de carne de baleia em pasta de soja avinagrada e uma tigela com restos de alga à vinagrete. Enquanto me admirava com o fato de o gosto do senhor idoso por aperitivos ser semelhante ao meu, lembrei-me vagamente de sua figura de pé sobre o estrado na sala de aulas do colégio.

Ao escrever no quadro-negro, mantinha invariavelmente o apagador na mão contrária. Escrevia a giz algo como “*Aos poucos a aurora primavera...*”¹ e, nem cinco minutos depois, apagava tudo rapidamente. Não se separava do apagador nem mesmo quando se dirigia aos alunos durante a aula. Era como se a correia do objeto estivesse grudada à palma vigorosa de sua mão esquerda.

— Apesar de mulher, você vem sozinha a um lugar como este — afirmou o professor, enquanto calmamente levava à boca, com o par de hashi, a derradeira fatia da carne de baleia.

— Ah — respondi, colocando cerveja em meu copo.

Lembrei-me de que ele era o professor dos tempos da escola de ensino médio, mas esquecera por completo seu nome. Com perplexidade dei cabo da cerveja, admirando-me que ele pudesse se recordar tão bem do nome de uma de suas alunas.

1. Extraído de *Makura no Soushi*, escrito por Sei Shonagon. [N.T.]